

Influência da cultura de origem dos descendentes de imigrantes japoneses no desempenho acadêmico e no concurso vestibular/2000 da UFPR

Rosa Maria Zagonel

Mestre em Tecnologia

Marilia Gomes de Carvalho

Pós-Doutora em Antropologia Social

Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação

Tecnológica do Paraná – CEFET/PR

Resumo

Este artigo apresenta o resultado de uma dissertação de mestrado a respeito das influências da cultura japonesa sobre os descendentes de imigrantes japoneses e suas repercussões no processo de socialização e desempenho acadêmico para o ingresso no Ensino Superior. Como estratégia metodológica, adotou-se a pesquisa qualitativa de cunho interpretativo. Dezesesseis entrevistas foram realizadas com estudantes ingressados, pelo Concurso Vestibular/2000 da Universidade Federal do Paraná, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Medicina, Engenharia Ambiental e Turismo, que apresentaram elevado índice candidato/vaga e significativa concentração de descendentes. Os principais resultados, baseados nos depoimentos dos estudantes, evidenciaram que os hábitos adquiridos na família, tais como, disciplina, organização, persistência e dedicação aos estudos, presentes na cultura japonesa, contribuíram para o desempenho acadêmico deles, bem como o seu ingresso na UFPR.

Palavras-chave: cultura, cultura japonesa, educação, dinâmica, significados.

Abstract

This article presents the results of a research about the influence of the Japanese culture on the immigrants' descendents and its repercussions on the socialization process and specifically on their academic performance leading to their admission into higher education courses. The methodological strategy involved qualitative research with interpretative means. Sixteen interviews were realized with freshmen of Japanese descendent, admitted to the Federal University of Paraná in the year 2000, with majors in Architecture and Urbanism, Medicine, Environmental Engineering and in Tourism. These courses were chosen by a great number of applicants of Japanese descendent, and competition for the openings was very intense. The main results, based on the students answers, show that habits assimilated in the family, such as discipline, organization, persistence, study dedication, wich are present in the Japanese culture, contributed to the academic performance of these descendents and to their success in being admitted into the Federal University of Paraná.

Key-words: culture, Japanese culture, educations, dinamic, means.

Com um Brasil multicultural, fazem-se presentes alemães, italianos, japoneses, poloneses, negros e índios e muitos outros descendentes. Historicamente acompanha-se em nossa sociedade a miscigenação dos povos advindos de grandes ou pequenos períodos migratórios, onde se observam significativas diferenças e semelhanças entre os princípios educacionais das famílias. Dessa forma, o processo de miscigenação, além das características físicas, acontece também com as características culturais dos povos. É fascinante poder observar a mistura de pensamentos, de formas de educar, entre posturas rígidas ou mais liberais, maneiras de andar, falar, revelando assim, variados hábitos.

Sabendo-se que o movimento da vida humana é mantido pelos valores, atitudes e comportamentos que se tem e se adquire, através das relações que se estabelecem, entende-se que existe um padrão cultural e que esse padrão também pode resultar em novas práticas culturais, tendo em vista a pluralidade de culturas.

Considerou-se os japoneses, como um grupo marcado pela busca da manutenção de sua identidade cultural, mas que ao mesmo tempo, embrenhou-se nos movimentos da sociedade brasileira, sofrendo e procurando cada vez mais um espaço importante em todos os meios, demonstrando a necessidade do ser humano de possuir um sentimento de pertencimento.

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram no Brasil, em 1908, no navio chamado Kasato-Maru, trazendo com eles a esperança de poderem melhorar seus recursos, além de expectativas de uma vida mais produtiva se realizar. Esses imigrantes eram formados por pais, avós e bisavós dos informantes deste trabalho.

Para a construção desta pesquisa, partiu-se de alguns aspectos observados, num trabalho educacional, que se fazem importantes destacar. Os “japoneses”, apesar de serem um núcleo pequeno, mostram-se aparentemente bem sucedidos na escola, não significando que sejam melhores que outros grupos, mas há no senso comum, a idéia de que apresentam um bom desempenho acadêmico.

Outro ponto bastante presente sobre os “japoneses” é o estereótipo construído pela sociedade, do sucesso que eles obtêm ao ingressarem no ensino superior, tendo que enfrentar o tão disputado vestibular. Essas colocações e observações levaram a pensar na possível correspondência entre os cursos que exigem maior desempenho, por serem os mais disputados no vestibular, e a concentração destes descendentes de japoneses. Assim, começa-se a considerar que as práticas culturais articuladas pelas pessoas, nesse caso a cultura japonesa, poderia ter permeado a história acadêmica dos descendentes. Com isso, hábitos adquiridos durante o processo educacional familiar e escolar

podem contribuir com o benefício ou não desses indivíduos em sua trajetória.

A partir das primeiras idéias, com relação ao desenvolvimento deste trabalho, construiu-se o objetivo geral da pesquisa: analisar de que forma a cultura japonesa influenciou no desempenho acadêmico dos descendentes de imigrantes japoneses, calouros/2000 da Universidade Federal do Paraná.

Nomeou-se para atingir o objetivo acima, os seguintes objetivos específicos: identificar como se deu o processo de socialização destes descendentes na família; identificar o processo acadêmico destes descendentes; compreender as razões que os levaram a buscar cursos de elevado índice candidato/vaga e levantar no processo de socialização e na vida acadêmica, os aspectos que contribuíram para o seu ingresso na UFPR.

As noções de cultura, diversidade cultural, identidade cultural e étnica e as implicações desses conceitos para os povos envolvidos no processo migratório, permearam o desenvolvimento deste estudo, assim como, os propósitos da cultura e da educação japonesas.

A pesquisa é caracterizada como qualitativa de cunho interpretativo, baseada nos depoimentos feitos pelos informantes, por meio dos quais se fez a interpretação dos significados que eles atribuíram aos aspectos levantados durante as entrevistas.

A amostra foi delimitada aos descendentes de japoneses por parte de pai e mãe, calouros/2000 da UFPR, ingressados na chamada geral em cursos de elevado índice candidato/vaga e com significativa concentração desses descendentes.

O texto em questão procurará delinear, resumidamente, a fundamentação teórica, os passos da pesquisa e os resultados obtidos.

Cultura

Descrever o conceito de cultura é tarefa complexa, visto estar constantemente sendo revisto por inúmeros estudiosos. Na tentativa de conceituar, remete-se ao papel da cultura como orientadora e essencial para a existência humana (Geertz, 1989). Ela é construída historicamente, nascendo junto com as relações humanas, onde se valora ou não atos, atitudes, artefatos, sentimentos. Assim sendo, os símbolos e seus significados junto às comunidades vão se incorporando, organizando e referenciando a vida das pessoas. Sob os olhares da semiótica, a cultura pode ser definida como a teia de significados que faz parte do indivíduo (Geertz, 1989). Portanto, os significados, ao mesmo tempo que soam como normas impostas pelas relações entre as pessoas, também são reelaborados pelo grupo ou por cada pessoa. Para Barth (2000, p. 129-130), quando se volta ao

significado remete-se “à ligação entre qualquer meio de expressão e a pessoa que usa ou responde a esse meio.”

É preciso, dessa forma, ver o sentido da cultura como o dos significados compartilhados e construídos entre as pessoas e em vários contextos de suas vidas e dos seus ascendentes. Mesmo assim, não se pode deixar de observar os padrões culturais marcados e criados historicamente. Segundo Berger e Luckmann (1996, p. 89), “a tradição, os valores, as crenças, as necessidades criam determinantes que se adicionam ao indivíduo os quais passam a fazer parte de sua vida como elementos verdadeiros, que possuem sentido e significação.” De acordo com Thompson (2000), muitas vezes essas regras e convenções são implícitas, não formuladas, mas reproduzidas pelas pessoas no seu dia-a-dia.

Assim sendo, convém reafirmar que mesmo que a sociedade delimite comportamentos e regras, ela é composta de seres humanos e no entender de Carvalho (1997, p. 72) “têm a capacidade de transformá-las através de comportamentos que nem sempre reproduzem os padrões estabelecidos. São, portanto, os indivíduos, com suas ações sociais concretas, os agentes de mudanças sociais.”

O caráter dinâmico da cultura mostra-a mutável, onde se considera a autonomia e a capacidade do ser humano de modelar-se e reorganizar-se. As possibilidades de reconstrução de normas e convenções podem ser caracterizadas

também pelo progresso das sociedades e o desenvolvimento da comunicação, onde a interação é mais permanente e sistemática. Essa transformação da cultura enaltece a diversidade cultural na qual se está mergulhado. É essa diversidade que traz a necessidade do ser humano de permanência e pertencimento. Esse vai e vem de padrão cultural para diversidade cultural, e retomando o sentimento de pertencimento, que caracteriza a complexidade do conceito de cultura.

Pode-se inferir, então sobre os povos que migraram e migram, trazendo com eles uma bagagem cultural e que, ao se depararem com o novo, reforçam seus padrões culturais de origem. É nesse confronto que se reforçam as diferenças e se busca uma identidade cultural e/ou étnica.

Quando se reporta à identidade cultural, deve-se remeter às relações de poder, que segundo Thompson (2000) se estabelecem dentro das regras e convenções que se submetem os povos, as instituições, as organizações dentro do contexto sócio-histórico que estão vivendo. Os povos, de um lado colonizadores e de outro, colonizados; de um lado imigrantes, de outro, receptores, são exemplos de relações de poder onde é explícita a identidade imperativa citada por Barth (2000). Identidade marcada por convenções sociais e morais.

Os imigrantes mantêm vínculos com a cultura de origem, estabelecendo um paradoxo entre a tradição

de seus antepassados, reforçando o sentimento de pertença ao grupo, assim como aprendem a negociar e construir novos significados com a cultura com a qual se deparam. A identidade étnica revela a referência ao passado, à ascendência dos povos. Barth (2000, p. 26) aponta sobre as categorias étnicas ao dizer que elas “não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas.”

Desse modo, o grupo étnico se forma a partir de uma organização social constituída por um sentimento de pertencimento através de laços lingüísticos, culturais e morais, instituições, como a igreja, a escola, as associações e, principalmente, a família, que atuam como “símbolos de identidade étnica.” (Seyferth, 1982, p. 16) Seyferth (1982, p. 215) aponta que um grupo étnico é organizado quando “os seus membros participam de um conjunto de padrões de comportamento normativo e utilizam símbolos de identificação que permitem o estabelecimento de limites étnicos.”

Assim, compõe-se que os descendentes de imigrantes japoneses, investigados nesse estudo, e as influências da cultura estudadas formam um grupo étnico, em que as categorias presentes mostram as atribuições dadas e delimitadas como fronteiras étnicas.

Cultura japonesa

Algumas características da cultura japonesa são evidentes aos *gai-jin*, como chamados todos os não descendentes. A disciplina é um aspecto imprescindível na vida dos japoneses, sendo observada em suas atividades. Disciplina aqui não deve ser confundida com obediência, mas disciplina no sentido de persistência e esforço na conquista de objetivos. Ela é desenvolvida entre os japoneses no âmbito familiar e escolar. Como exemplos, pode-se citar o ato de colocar o chinelo na beira da porta antes de entrar em casa, os quais devem estar sempre um ao lado do outro; assim como os passos paciosos do *origami*, dobradura japonesa. A maioria dos rituais e atividades japonesas exige força de vontade e um empenho tal para que seja executado na mais perfeita ordem.

A hierarquia é outro ponto básico da cultura japonesa e funciona como um regulador na vida das pessoas. Segundo Benedict (1997), é a forma de organizarem seu mundo. Cada um tem uma posição devida numa escala de valores pessoal, profissional e familiar. Assim, há reverência para irmãos mais velhos, pais, avós e chefes. A hierarquia como estabelecida entre os japoneses vai além do respeito que se tem em outras culturas pelos mais velhos. Ela compromete responsabilidades e obrigações

desde pequenos. Um exemplo disso é o filho primogênito do sexo masculino que deve perpetuar rituais como o *butsudan* (pequeno altar de madeira dedicado aos falecidos), assim como cuidar dos pais quando velhos.

Há um sentimento, o da vergonha, desenvolvido no seio da família, através de humilhações feitas pelas mães, para que a criança mais tarde não tenha comportamentos tidos como inadequados. Para os japoneses, aquele que denigre sua herança, é expulso ou afastado da comunidade. A mãe japonesa submete seus filhos a refletirem sobre suas ações e não só limitarem a executar ordens, para que possam compreender e diferenciar aquilo que deve ou não ser feito e o porquê. É ela que ensina as boas maneiras aos pequeninos, a fazer uma coisa de cada vez e com calma e persistência. Motiva e joga com seus filhos desenvolvendo habilidades cognitivas. A relação mãe-filho é imprescindível também para que as crianças aprendam a lidar com seus sentimentos e o dos outros.

A educação escolar também é permeada de princípios sólidos, propiciando um desempenho acadêmico satisfatório, cujo conceito para os japoneses tem relação direta com “combinação de talento, habilidades sociais e políticas, esforço e dedicação.” (Barbosa, 1999, p. 89)

Segundo Hirata (1988), a formação escolar é extremamente priorizada pelas famílias japonesas, levando os pais a abdicarem de tudo em prol dos filhos. Na escola, as conquistas coletivas vêm em primeiro lugar às conquistas individuais. Privilegia-se, assim, o nós, em detrimento ao eu; sempre os interesses do grupo ou da família, antes dos pessoais. Por isso, as resoluções de problemas são estabelecidas em reuniões.

Os professores desenvolvem, nos alunos, a manutenção do empenho e do desempenho nas atividades. Para White (1988) uma boa pessoa é aquela estudiosa, esforçada. Os pais japoneses querem ver seus filhos desenvolvendo aspectos como a perseverança, a concentração, o esforço, a independência e a autoconfiança.

A rigidez na educação familiar e escolar vai se refletir, mais tarde, no empenho no trabalho. Há uma dedicação extremada pelo profissional, pois é a forma de se dedicarem também em prol da sociedade.

Chegada dos imigrantes japoneses

O primeiro navio a chegar no Brasil foi o *Kasato-Maru*, em 1908, trazendo a bordo 781 imigrantes sob contrato e 10 espontâneos e outros, totalizando 800,

para a lavoura, sobretudo a cafeeira, no interior de São Paulo (Handa, 1987).

Esse processo imigratório teve início quando o Brasil passava por uma carência de mão-de-obra devido a alforria dos escravos e o Japão vivia uma crise de desemprego e tensões sociais e econômicas. A partir destes e outros fatores, estabeleceu-se um acordo entre o Brasil e o Japão para a imigração destes japoneses. Vieram com o intuito de economizar e retornar ao país do sol nascente, não imaginando as divergências sobre sua aceitação no Brasil, nem as condições de trabalho que iriam encontrar.

Algumas exigências feitas pelo Brasil deram características específicas à imigração japonesa, como a unidade familiar. Era necessária uma família composta do que chamavam de “três enxadas”, três pessoas, aptas ao trabalho, com idades entre 12 e 45 anos. Sendo assim, ficariam mais difíceis as fugas, tão comuns entre os imigrantes europeus. Assim, as famílias japonesas se reorganizavam para emigrar formando pseudofamílias, pois se juntavam sobrinhos, tios e amigos para compô-las. As dificuldades de adaptação às novas terras e os problemas de relacionamento entre familiares são alguns dos fatos que ocasionaram o abandono das fazendas por muitos imigrantes.

Em 1925 foi o auge da imigração japonesa, sendo então subsidiada pelo governo japonês. A partir de

1929, já havia imigrantes japoneses em outras atividades, que não a agrícola. Segundo Sakurai (2002, p. 202) a imigração para o Brasil é considerada tutelada, pois é “amparada, desde o início, por meio de orientações, ajuda e gerência dos representantes do governo japonês”, havendo, portanto, interferência dos agentes japoneses na fixação e mobilidade dos imigrantes, para que se alcançasse sucesso nesse processo.

Quanto ao processo de adaptação dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira, alguns estudiosos levantam que uma possível dificuldade deve-se à língua, aos hábitos e costumes bem diferenciados, assim como por razões de eugenia. Desse modo, a rejeição pelo povo japonês não facilitou sua adaptação, aumentando as comunidades nipônicas isoladas e fechadas, reforçando cada mais o estereótipo japonês.

Segundo Leão (1990, p. 63), a idéia permanente de retornar ao Japão, não estimulava iniciar “relações sociais além da fronteira do grupo étnico.” Outro fator não facilitador da integração dos imigrantes foi o crescente poder militar japonês e de território, dando ênfase ao chamado “perigo amarelo” para a sociedade de adoção (Sakurai, 2000).

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, mais restrições foram sendo feitas aos imigrantes e seus descendentes, como a proibição ao uso da língua e o fechamento de várias escolas. Para Sakurai (2002, p. 237),

nesse momento “quebra-se um sistema que estava permitindo aos japoneses, com a ajuda de seu governo, a superação das marcas de desconfiança inicial dos brasileiros, apresentando-se perante à sociedade como grupo que estava contribuindo para o desenvolvimento do país de recepção.”

Todos esses conflitos, e períodos de transformação na nova sociedade, modificam as formas de pensar e de agir dos indivíduos, influenciando na dinâmica das identidades culturais e étnicas dos descendentes desses imigrantes.

Descendentes de japoneses e o Ensino Superior

O estereótipo construído socialmente sobre os japoneses, caracteriza-os como estudiosos, dedicados, trabalhadores e disciplinados. Essa imagem é estampada pela frase popular pichada no campus da Universidade de São Paulo, em 1989: “Brasileiro: lute por uma vaga. Mate um japonês.”

Para Cardoso (1972, p. 368), esses conceitos são reflexo da valorização que os isseis¹ trouxeram do Japão quanto ao trabalho intelectual, incentivando os

filhos na conquista de profissões “bem categorizadas socialmente.”

Essas imagens construídas em sociedade passam a caracterizar e reforçar a identidade dos próprios descendentes. É de tal complexidade, por terem características físicas também peculiares, que influenciam a forma de se auto-identificarem: japoneses, brasileiros descendentes de japoneses, somente descendentes de japoneses, ou talvez, brasileiros com ascendência japonesa. Ou ainda nisseis, sansseis ou yonssseis.²

Para afirmarem a identidade étnica e cultural, procuram meios de se relacionar e se integrar com seus pares. Muitas vezes, reúnem-se em associações e clubes culturais. Isso mostra a necessidade de estarem juntos, dividindo ideais comuns, princípios básicos e compartilharem costumes semelhantes. As comunidades e associações nipônicas têm uma história ao longo dos anos de imigração e pós-imigração. Mesmo com a proibição do uso da língua japonesa e da manutenção desses núcleos, os japoneses e seus descendentes conseguiram cultivar seus ideais e preocupações, sempre em comunidade. Segundo Cardoso (1973), essas associações ajudaram no sentido de possibilitar novos aprendizados através das reuniões de grupos vivendo

¹ Primeira geração de imigrantes.

² Esses termos são usados para diferenciar os descendentes de 2ª, 3ª e 4ª gerações respectivamente. Os imigrantes japoneses, ou sejam de 1ª geração são chamados de isseis.

as mesmas dificuldades. No período de guerra e pós-guerra, o propósito das associações, de acordo com Cardoso (1973, p. 336) foi “o de criar condições para ascensão social do nissei, isto é, fornecendo-lhe comportamentos e atitudes que lhe permitam conseguir o êxito esperado pela família.” Ainda, hoje, criam-se e mantêm-se associações e clubes, não só para descendentes de japoneses, mas aberto a todos, como a Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba (*Nikkei* Curitiba), União dos *Gakuseis* de Curitiba, Escola *Junshin*.

Ao privilegiar a dedicação aos estudos e ter como meta de vida, o esforço, observa-se que os descendentes de japoneses têm procurado profissões que lhes possam dar certo *status* econômico, assim como lhes possibilitem ascensão social.³

Apesar do período de constantes transformações vivido pelo Brasil e pelo mundo, ainda, hoje, se caracterizam algumas profissões com maiores possibilidades de atender às expectativas das pessoas de acordo com o mercado promissor.

Dependendo da posição de classe, a escolha da profissão é feita no momento de vivenciar o vestibular. Nesse período de escolha pelas inúmeras possibilidades de opção, os estudantes começam a analisar as

perspectivas que as carreiras profissionais lhes oferecem. Mesmo com as transformações econômicas e políticas vividas pelo mundo com a globalização, ainda se têm profissões, como a Medicina ou as Engenharias, como cursos de *status*. Outros cursos, como o Direito, o Turismo, o Jornalismo, começam a tomar frente, até se incorporarem e apresentarem perspectivas econômicas satisfatórias.

A disputa no vestibular está mais acirrada nas universidades públicas, pelo aumento significativo no número de pessoas com acesso à escola. Mesmo assim, dificulta-se hoje a capacitação de todos participarem ativamente do processo de construção do saber científico e tecnológico.

Segundo Scharzmann et al. (1993, p. 11), “a universalização do acesso à escola não garante a igualdade das oportunidades educacionais, que variam conforme o nível de renda, a região em que a pessoa vive, e sua origem étnica e social.”

Com maiores exigências para a entrada no Ensino Superior, começa a pesar o desenvolvimento acadêmico dos indivíduos, refletindo diretamente no sucesso ou fracasso desse acesso. Segundo Shizuno (2001), a grande concorrência que os estudantes enfrentam no vestibular, mostra a luta pela ascensão social.

³ Essa informação ficará mais evidente ao observar-se o Quadro 1 da pesquisa.

Para se reportar ao universo deste estudo, existem pesquisas mostrando a entrada de “amarelos” nas universidades públicas. Numa pesquisa recente, apresentaram-se 2,6% de formandos “amarelos” nas universidades brasileiras, sendo que a população destes é de apenas 0,5% (Góis, Folha de São Paulo, 2001). Para Sergei Soares do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), esse resultado mostra que o “desempenho tem raízes culturais e é encontrado em quase todo mundo.”

Retomando, então, aspectos da cultura japonesa, salientam-se quando se refere ao sucesso obtido pelos descendentes inseridos em outras sociedades, que não o próprio Japão. De acordo com Handa (1987), as colônias japonesas tinham índice muito baixo de analfabetos e obtiveram ascensão social relevante nos anos de imigração. Havia no período uma “obsessão pela educação e a luta pela ascensão social constituem, por assim dizer, duas forças motoras que sustentaram a vida cheia de vicissitudes dos japoneses residentes tanto na América do Norte como na do Sul.” (Tsukamoto, 1973, p. 27)

Observa-se, desse modo, o empenho dos imigrantes japoneses e seus descendentes em buscar na

educação e formação escolares, a forma de ascensão social, passando esse ideal de geração a geração.

A pesquisa

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, tendo como universo pesquisado os descendentes de imigrantes japoneses ingressados na Universidade Federal do Paraná, em 2000, na chamada geral, nos cursos de elevado índice candidato/vaga⁴ e com significativa concentração deste grupo. Destacou-se, como amostra, os calouros, filhos de pai e mãe de origem japonesa, sabendo-se que a influência cultural é mais forte do que quando há miscigenação pelas origens étnicas do casal.

A opção de escolha pela Universidade Federal do Paraná é, sobretudo, por ser uma universidade pública, de importante renome para a comunidade e, conseqüentemente, de rigorosa seleção.

Para iniciar a pesquisa, foi imprescindível conferir todos os possíveis sobrenomes japoneses no resultado do vestibular, totalizando 186 supostos *nikkeis*⁵ e, a partir desta relação, conferir os sobrenomes de

⁴ Optou-se pela relação candidato/vaga por ela ser representativa na conquista por um lugar na UFPR, sendo essa relação estabelecida conforme o número de inscritos e o número de vagas ofertadas para cada curso. Não se descarta a possibilidade de em outras pesquisas se tomar por base o número de inscritos em cada curso, sem a associação ao número de vagas.

⁵ Denominam-se *nikkeis* todos os descendentes de japoneses, assim como os japoneses residentes fora do Japão.

pai e mãe de cada um, através de dados de matrícula, para confirmar a origem japonesa. Aqueles que, pelo sobrenome dos pais, possibilitaram essa confirmação, foram contatados via telefone ou pessoalmente. Com este levantamento realizado, obteve-se um total de 179 (cento e setenta e nove) *nikkeis*: os 7 (sete) excluídos, os foram por serem descendentes de coreanos ou italianos, fato confirmado por eles ou por seus familiares, não fazendo parte, desse modo, do presente estudo.

Pode-se delinear o seguinte perfil dos *nikkeis* aprovados pela Universidade Federal do Paraná do ano 2000, distribuídos entre as três áreas⁶, nos quais os cursos de graduação estão inseridos. A tabela 1, a seguir, assim como outros gráficos apresentados, foram necessários para se chegar a uma amostra significativa da população em estudo.

Observou-se que dos 179 (cento e setenta e nove) descendentes de japoneses, caracterizaram a população-alvo deste estudo:

- 93 (noventa e três) são filhos de pai e mãe com ascendência japonesa, constituindo-se a população em estudo, isto é 52% do total. Este dado pode ser um

indicativo de que a miscigenação entre descendentes de japoneses é relativamente representativa.

- 51 (cinquenta e um) não são descendentes pelo casal, sendo:

- 15 (quinze) só de mãe

- 36 (trinta e seis) só de pai⁷

- 31 (trinta e um) não freqüentam (ou não chegaram a fazer matrícula ou desistiram), isto é 17,3%. Apesar da causa da desistência da maioria ser ignorada, quatro calouros foram contatados, sendo que dois justificaram que haviam passado na USP, em Turismo, (mesmo curso que foram aprovados na UFPR), informando que suas famílias residem em São Paulo. Outro aprovado em Turismo, pela UFPR, foi aprovado em Administração, na USP, e optou por esta universidade porque sua família reside em São Paulo. E o quarto contatado foi aprovado em Engenharia Ambiental, pela UFPR, mas optou pelo Instituto Nacional de Telecomunicações, em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, onde cursa Engenharia Elétrica.

- 4 (quatro) são mulheres de outra origem, casadas com descendentes de japoneses (razão do uso do sobrenome de origem japonesa).

⁶ Essa divisão (humanística, tecnológica e biológica) é dada pela UFPR. De acordo com uma noção mais ampla de tecnologia, que a considera como permeadora de toda atividade humana, a tecnologia está presente nas áreas humanística e biológica e não somente em alguns cursos tidos como "tecnológicos". Para um maior aprofundamento sobre o conceito de tecnologia, ler GAMA (1986) e BASTOS (1997).

⁷ Observa-se com relação a esses dados, que a procura de parceiros para casamento é maior (70,6%) dos homens *nikkeis* por mulheres *gai-jin* do que por mulheres *nikkeis* por homens *gai-jin* (29,4%). Afirmando também pelas 4 (quatro) mulheres casadas com *nikkeis*.

Recorreu-se à análise descritiva dos dados por meio de tabela, quadros e gráficos. Para a comprovação da hipótese levantada para o início desse trabalho, foram utilizados os testes não-paramétricos “Comparação entre duas Proporções” e “Qui-Quadrado” (através do *software* “*Primer of Biostatistics*”). O nível de significância (probabilidade de significância) adotado foi menor que 5% ($p < 0,05$).

Destaca-se que o universo de pesquisados é bastante seletivo, visto que dentre 49.057 inscritos para o vestibular da UFPR/2000, somente 3900 tiveram seus nomes no resultado de aprovação (UFPR, 2001, p.51).

Com esta fase de levantamento de dados, procurou-se associar os cursos de elevado índice candidato/vaga com uma concentração representativa de descendentes de japoneses por parte de pai e mãe, considerando-se 3819 aprovados⁸.

Os cursos, em que a associação candidato/vaga e a concentração de descendentes de japoneses tornaram-se relevantes foram: Arquitetura e Urbanismo (área tecnológica), com relação candidato/vaga igual a 21,25 e concentração de 9,1% de descendentes de japoneses, equivalente às 4 vagas preenchidas por descendentes de pai e mãe, das 44 vagas disponíveis;

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DO TIPO DE DESCENDÊNCIA EM RELAÇÃO À ÁREA

DESCENDÊNCIA	HUMANÍSTICA		TECNOLÓGICA		BIOLÓGICA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pai e Mãe	31	47,7	31	47,7	31	63,3	93	52,0
Só Pai	10	15,4	20	30,8	06	12,2	36	20,1
Só Mãe	08	12,3	02	3,1	05	10,2	15	8,4
Casadas com descendentes	02	3,1	01	1,5	01	2,1	04	2,2
Desistentes	14	21,5	11	16,9	06	12,2	31	17,3
TOTAL	65	100,0	65	100,0	49	100,0	179	100,0

$\chi^2_{\text{calc}} = 10,629$; $p = 0,031$ (Qui-Quadrado baseado nas três primeiras descendências).

Engenharia Ambiental (área tecnológica), com relação candidato/vaga igual a 13,62 e concentração de descendentes de 8,9%, sendo que das 45 ofertadas, 4 foram preenchidas por estes descendentes; Medicina (área biológica), com relação candidato vaga igual a 31,28 e concentração de descendentes de 8,0%, tendo 14 vagas das 176 preenchidas por este grupo e Turismo (área humanística), com relação candidato/vaga igual a 34,66 e concentração de descendentes de 6,8%, significando que das 44 vagas disponíveis, 3 foram preenchidas por estes descendentes. Isto quer dizer que, do total de calouros da UFPR, 2,4% é de descendentes de japoneses por parte de pai e mãe, o que é

8 Foram excluídos, os cursos de Oficial Policial Militar (Masculino e Feminino), visto serem cursos de formação diferenciados dos cursos de graduação e tendo certas especificidades para a carreira. Assim como, excluiu-se o curso de Medicina Veterinária-Palotina, pelo interesse da pesquisa estar concentrado em Curitiba.

de alta concentração, em cada curso levantado: acima de 6,7%.

Optou-se por não se estender para outros cursos, com concentração abaixo de 6,8%, em função de já se ter obtido uma amostra significativa da população em estudo de 25 alunos, referentes aos 4 cursos citados. Destaca-se que há uma diferença na incidência de descendentes entre as três áreas nas quais eles estão inseridos. Este assunto será comentado nos resultados e discussão, item sobre o vestibular.

O resultado dessa associação é representado no quadro a seguir, da seguinte forma: observa-se, na primeira coluna, os cursos ofertados pela UFPR, tendo em seguida o total de vagas e a concorrência candidato/vaga. Na seqüência, tem-se os números de calouros com sobrenome de origem japonesa, demonstrando o número destes em cada curso. Dentre estes, estão todos os que compõem a população-alvo, portanto os desistentes, mulheres casadas com descendentes, com sobrenome de origem japonesa só por parte de pai ou só de mãe. Como última demonstração, encontra-se a população em estudo, destacando-se a amostra da pesquisa em vermelho, obtendo-se em seguida a porcentagem relativa à concentração desses descendentes por curso.

Deste grupo formado por 25 alunos, forma realizadas entrevistas com 16. À medida que as informações

QUADRO 1 - RELAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE VAGAS POR CANDIDATO, CALOUROS COM SOBRENOME DE ORIGEM JAPONESA E DESCENDENTES DE PAI E MÃE JAPONÊSES EM RELAÇÃO AOS CURSOS DA UFPR/2000

CURSOS	VAGAS		CALOUROS COM SOBRENOME DE ORIGEM JAPONESA		DESCENDENTES DE PAI E MÃE JAPONÊSES	
	Total	Por Candidato	Número	Porcentual	Número	Porcentual
ÁREA HUMANÍSTICA	1 509	-	65	31	2,1	
Turismo	44	34,66	7	3	6,8	
Direito – Diurno	88	27,06	8	5	5,7	
Direito – Noturno	84	26,95	4	2	2,4	
Comunicação Social – Publ. e Propaganda	30	27,00	1	1	3,3	
Comunicação Social – Jornalismo	30	24,33	2	2	6,7	
Administração – Noturno	66	23,23	1	1	1,5	
Administração - Comércio Exterior	30	21,73	2	2	6,7	
Psicologia	70	20,31	4	3	4,3	
Administração – Diurno	55	16,84	3	-	-	
Comunicação Social – Relações Públicas	30	16,47	2	-	-	
Desenho Industrial – Programação Visual	33	15,91	3	1	3,0	
Desenho Industrial – Projeto do Produto	33	13,79	3	1	3,0	
Letras – Inglês, Português – Inglês	20	13,75	1	-	-	
Letras – Inglês	22	12,14	1	1	4,5	
Ciências Contábeis	110	10,96	8	4	3,6	
Letras – Português	44	9,89	1	-	-	
Educação Artística – Artes Plásticas	16	9,88	-	-	-	
Ciências Econômicas – Diurno	110	9,12	1	-	-	
Pedagogia – Diurno	67	9,10	-	-	-	
Educação Artística – Música	11	9,00	-	-	-	
Pedagogia – Noturno	100	8,95	2	-	-	
Educação Artística – Desenho	16	7,44	-	-	-	
História	60	7,30	1	-	-	
Ciências Econômicas – Noturno	110	7,22	3	-	-	
Letras-	50	5,86	1	1	2,0	
Port/Alem/Esp/Fran/Ital/Greg/Latim						
Ciências Sociais	55	5,18	-	-	-	
Filosofia	75	4,48	3	2	2,7	
Gestão da Informação	50	3,30	3	2	4,0	
ÁREA TECNOLÓGICA	1 470	-	65	31	2,1	
Engenharia Bioprocessos e Biotecnologia	30	25,87	-	-	-	
Arquitetura e Urbanismo	44	21,25	4	4	9,1	
Bacharelado em Informática	110	17,68	6	5	4,5	
Engenharia Ambiental	45	13,62	6	4	8,9	
Engenharia Elétrica	88	11,49	6	2	2,3	
Geografia – Diurno	33	11,27	1	1	3,0	
Engenharia Mecânica	88	11,24	5	2	2,3	
Geografia – Noturno	33	10,45	-	-	-	
Matemática – Noturno	44	10,18	-	-	-	
Engenharia Civil	176	6,85	12	4	2,3	
Estatística	66	5,58	2	1	1,5	
Agronomia	132	5,40	4	2	1,5	
Matemática – Diurno	44	5,09	2	-	-	
Engenharia Química	88	5,00	3	-	-	
Matemática Industrial	40	4,73	3	2	5,0	
Química	66	4,68	3	-	-	
Física – Noturno	70	4,57	1	1	1,4	
Engenharia Cartográfica	44	4,07	2	1	2,3	
Geologia	33	4,00	-	-	-	
Engenharia Industrial Madeireira	60	3,87	2	1	1,7	
Engenharia Florestal	66	3,33	2	2	3,0	
Física – Diurno	70	2,30	1	-	-	

QUADRO 1 - RELAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE VAGAS POR CANDIDATO, CALOUROS COM SOBRENOME DE ORIGEM JAPONESA E DESCENDENTES DE PAI E MÃE JAPONÊSES EM RELAÇÃO AOS CURSOS

CURSOS	VAGAS		CALOUROS COM SOBRENOME DE ORIGEM JAPONESA	DESCENDENTES DE PAI E MÃE JAPONÊSES	
	Total	Por		Número	Percentual
	Candidato				
ÁREA BIOLÓGICA	840	-	49	31	3,7
Ciências Biológicas	100	10,54	2	2	2,0
Ciências do Mar	30	15,73	1	-	-
Educação Física	120	12,01	3	1	0,8
Enfermagem	55	16,73	-	-	-
Farmácia	108	13,08	7	5	4,6
Medicina	176	31,28	23	14	8,0
Medicina Veterinária	48	17,75	3	2	4,2
Nutrição	66	13,76	4	2	3,0
Odontologia	92	17,93	6	5	5,4
Zootecnia	45	9,80	-	-	-

começaram a se repetir, optou-se por interromper as entrevistas. Foi utilizada a entrevista semi-estruturada para a coleta de dados, com um roteiro elaborado a partir dos objetivos específicos da pesquisa. Essas questões foram divididas em dois grandes tópicos: história familiar e pessoal e história acadêmica.

Dentro de um contexto específico, buscou-se na análise dos dados uma interpretação das opiniões pessoais dos entrevistados, considerando sempre que os valores e a memória, assim como a tomada de consciência durante a entrevista, são representativos da história dos sujeitos, levando em conta as dimensões culturais, educacionais e sociais onde os mesmos estão inseridos.

Dos alunos entrevistados, três eram do curso de Arquitetura e Urbanismo, duas com os de Engenharia Ambiental, nove com os de medicina e duas com os de Turismo. Dos dezesseis alunos, 2 são bisnetos, 13

são netos, 1 é filho de imigrantes pela linha paterna. E 3 entrevistados são bisnetos, 10 são netos e 3 são filhos de imigrantes pela linha materna. Observa-se, portanto, que a maioria é neto de imigrantes ou de pai ou de mãe ou de ambos os lados, mostrando que ainda há relação familiar desses descendentes com a cultura japonesa.

Quanto ao sexo dos informantes, 10 são mulheres e 6 são homens. Sua faixa etária varia entre 18 e 28 anos, concentrando-se a maioria entre 18 e 20 anos. Quanto ao estado de origem, observa-se que 11 entrevistados são do próprio estado do Paraná e o restante de São Paulo.

Processo de socialização

Com relação ao processo de socialização vivido pelos informantes, dividiu-se em seis itens: disciplina, relação com a hierarquia, traços culturais marcantes, papel dos avós, clubes e associações japonesas e sua importância e representações sobre “nós mesmos”.

O conceito de disciplina, visto pelos japoneses, é definido como treino de habilidades que levam ao esforço e à persistência na conquista de objetivos. No Ocidente, ela é vista como rigor na exigência do “bom comportamento”.

Os entrevistados, vivendo numa sociedade ocidental, definem a educação com o rigor do pai e a paciência da mãe. Ao pai cabe o papel de forte, zangado e à mãe, da bondosa, doce, figura orientadora do caminho dos filhos.

O pai impunha mais e a mãe colocava de leve, ela passava para gente mais calmamente, como se fosse um ensinamento e não algo imposto. Essa era a diferença (E1).

Assim como a disciplina, segundo Benedict (1997) está relacionada aos hábitos diários que devem ser incorporados pelos indivíduos, através do uso correto de objetos e rituais de vida, como mostram alguns comentários:

Existia, sim, não regra. (...) mas disciplina. Horários, não tão rígidos, uma certa disciplina (E9).

Era: ou faz ou apanha, entende. Pôr em ordem. Tinha o costume assim: a cozinha, você ia de chinelo, só que com esse chinelo, você não ia pra sala, Nós tínhamos que deixar o chinelo, a sandália na cozinha (E13).

Em outros relatos, não se observa uma disciplina mais severa, talvez porque numa visão japonesa, a paciência e os cuidados sejam mais importantes do que o rigor e a exigência numa visão mais ocidental.

Em casa, eram poucas as coisas que a gente fazia quando era pequena. Mas minha mãe já começou a fazer a gente fazer algumas coisas caseiras, por exemplo, arrumar a cozinha, lavar a louça, ensinar a cozinhar (E7).

Sobre a repreensão dos pais com atitudes inadequadas, pode-se dizer que o castigo físico não é característica da educação japonesa, pois os japoneses têm na criança uma pessoa boa, com a qual compartilham e motivam o esforço e o empenho. Os entrevistados desse estudo demonstraram fazer parte de um agir ocidental, apesar de muitos pais serem filhos de imigrantes. Pelos relatos, observa-se que utilizam várias formas de punição, mostrando que a dinâmica cultural já transformou alguns hábitos.

Eu lembro que ficava de castigo no banheiro, depois, minha mãe me batia, de vez em quando (E3).

Eu fazia bico, ele “hann” em cima de mim. Nem a pau. Não, birra, choro, com ele nunca funcionou. Dá umas broncas, uns tapas na bunda e: fica aí, moleque. Corta na hora (E6).

Sobre o mesmo conceito de disciplina, pode-se referir aos hábitos de organização desenvolvidos durante a infância e que são bastante relevantes nos relatos. De acordo com Benedict (1997, p. 78), os hábitos

são ensinados e não apenas as regras. O lema japonês é: “cada coisa no seu lugar.” Observa-se rotina e hábitos diários metódicos em casa.

Desarrumou, tem que arrumar. Regras na mesa, cuidados, questão de educação (E5).

Meu pai só falava, tipo: arrumar sempre o quarto. Se tirar alguma coisa do lugar, guarda no mesmo lugar, que você vai saber onde vai estar quando precisar (E16).

O papel quanto às diferenças de gênero desenvolvido no processo educacional é bastante presente e característico da cultura japonesa: determinando-se as funções que cabem aos filhos e às filhas.

Os meninos não tinham obrigações com relação à casa (E2).

Os homens nunca tinham compromisso de limpar nada, quem limpava eram as mulheres (E4).

O segundo item trabalhado, de acordo com os relatos, foi a relação que mantém com a hierarquia estabelecida pela cultura japonesa. Para o Ocidente, o respeito embutido na reverência hierárquica pode denotar um sentido autoritário, mas tal qual é desenvolvido pela sociedade japonesa, vem carregado de

significados referentes a obrigações e deveres conforme a posição hierárquica de cada um.

Com relação à mentira e desrespeito, tinham muito da cultura, sobre o respeito aos mais velhos, pelas suas experiências, em geral, em qualquer circunstância, respeitar uma pessoa mais velha, em tratamento (E2).

As obrigações se devem principalmente na relação sogra e nora, devotamento filial, mulher para o marido e as responsabilidades com as pessoas mais velhas. Uma das principais obrigações nas relações japonesas é a do irmão mais velho com os irmãos menores. Ele abdica de seus prazeres e desejos em prol dos cuidados e da proteção aos menores e aos seus pais. Nos relatos, essa dedicação aparece nas relações familiares dos informantes e também entre tios paternos e/ou maternos quando são os primogênitos na família.

É porque tem uma coisa: ele é o irmão mais velho, e na cultura japonesa tem esse negócio, tem o nissan (irmão mais velho). Ele tem toda aquela responsabilidade por todos os outros irmãos que aparecem (E6).

É interessante observar que nas relações que ainda mantêm a hierarquia japonesa, ressalta-se o papel submisso da mulher, principalmente onde não há distância

dos avós japoneses. As obrigações da casa são da mulher e elas são servidas após os homens. Desse modo, seus desejos ficam embutidos.

O almoço, quando feito, a mesa pequena dava prá 4, 6 pessoas, então quem sentava primeiro: meu pai, os três irmãos maiores, minha mãe servindo. De repente, um empregado, alguém que prioritariamente teria que comer primeiro. Então ele tinha que sentar primeiro. Quando terminavam, saíam, entravam os menores e as mulheres (E4).

Por parte da minha mãe, por exemplo, ela tem dois irmãos: tem uma irmã, mais velha, ela é a do meio e um irmão mais novo. Nesse caso quem passou a cuidar dos meus avós, foi o meu tio, o mais novo (E9).

Mesmo com todas as declarações acima, não se pode deixar de citar os comentários que mostram como a construção de hábitos e costumes numa nova sociedade, se misturam a outras maneiras de pensar e de agir. As mudanças acontecem conforme a história dos sujeitos, seus familiares e da sociedade como um todo, articulando-se novos significados às normas constituídas. Considera-se, segundo Thompson (2000, p. 186), que “as formas simbólicas que são codificadas de acordo com certas regras e convenções podem ser decodificadas de acordo com outras regras e convenções.”

Existe um pouquinho, o respeito, acredito, assim. Acho interessante isso. Já em relação ao meu pai e minha mãe, a gente, acho que o meu pai tem assim, segue a liderança. Minha mãe também tem poder. Não é tão duro como existe na época dos meus avós. Acho que na época dos meus avós era bem paternalista (E9).

O diálogo entre alguns desses descendentes de japoneses e seus pais mostra possibilidades maiores de acesso aos pais e maior liberdade nas conversas, evidenciando mudanças na cultura. Muitos conceitos ocidentais se integram nas concepções japonesas, modificando os significados educacionais.

Sempre meu pai vem conversar, quando tem algum problema. Se eu preciso de alguma coisa, vou conversar com ele. Quando aprontava, também sempre meu pai que vinha conversar com a gente (E16).

De qualquer forma, o rigor do pai, as características de fechado, tímido e sério estão implícitos na forma de se relacionar com os filhos.

Porque era bastante complicado conversar com meu pai, não tinha diálogo (E1).

Outros aspectos no processo de socialização bastante característicos são os traços marcantes dentre o

uso da língua, alimentação típica e os rituais. A maioria dos informantes tinha iniciado cursos de japonês quando pequenos, mas poucos continuaram. Como pai e/ou avós dos informantes falam japonês, o uso de vocábulos faz parte da vida diária. Geertz (1989, p. 57) aponta que os símbolos significantes são usados “para impor um significado à experiência.” Considera-se que através da língua se mantém as tradições culturais, por ela ser um meio de deixar viva a memória de um povo, portanto representa um símbolo significante. Contudo, esses descendentes de 2ª, 3ª e 4ª geração de imigrantes japoneses não têm na língua a representação de identidade étnica visto ela não estar presente fluentemente no seu dia-a-dia.

A gente acostumou a chamar pelo nome japonês. Tanto que quando eu vou falar com uma pessoa que não entende, eu tenbo que pensar. (...) Tem coisa que já incorporou (E3).

Os pais falam japonês. Bastante tempo fiz aula de japonês, mas não sei. Só alguma coisa, o arroz, palavras perdidas, mas para falar não sei nada. Eles falam direitinho, tipo meu pai conversando com meu avô, é só japonês. Daí eu fico só sofrendo ali do lado porque não entendo nada (E16).

A comunicação é a forma de expressar o que se pensa e de poder transmitir histórias, lendas e toda

riqueza cultural que se viveu e se vive, intensificando-a. É evidente que, para os imigrantes, a língua foi a grande precursora de seus ideais, visto ela ser uma forma simbólica de afirmar sua identidade cultural e étnica. Apesar da proibição do uso da língua japonesa pelo governo no período da guerra, eles continuaram tentando realizar o sonho de se dedicar à educação dos filhos numa sociedade completamente diferente daquela que conheciam. Mas, sob outro ponto de vista, havia interesse dos imigrantes que seus filhos e netos se adaptassem rapidamente no Brasil, evitando inclusive o sotaque japonês, facilitando, assim, a aceitação e o sucesso na outra sociedade. De acordo com Cardoso (1973), a expectativa dos isseis sobre os nisseis de uma rápida ascensão na sociedade brasileira fez com que admitissem a convivência e o entrosamento destes fora da família.

Um dia eu tava revoltado e perguntei pra eles (tios maternos): Por que vocês não falam japonês, nada e nem escrevem? Isso foi uma coisa que sua avó falou pra gente. Ela falou com o pai que não queria que falassem japonês, porque se a gente aprendesse como primeira língua o japonês, a gente ia ficar com aquela pronúncia meio marcada. Se a gente quisesse ganhar respeito em Santos e em São Paulo, você teria que ter aquela fluência bem perfeita em português (E6).

Distintamente marcada na vida desses descendentes de japoneses é a culinária. É de admirar que durante as entrevistas grande parte dos entrevistados preserva hábitos culinários típicos, como o arroz, cozido em panela especial, juntando-se a ele legumes cozidos e *shoyu*. Para Thompson (2000, p. 203), o valor simbólico é atribuído a objetos/formas simbólicas. Estes objetos podem ser “estimados pelos indivíduos, que os produzem e recebem, isto é, por eles aprovados ou condenados, apreciados ou desprezados.” Desse modo, segundo Barth (2000, p. 32), os signos manifestos “constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade”.

A gente faz bastante shoyu, misô. (...) A gente come bastante verdura cozida. (...) O arroz, minha mãe faz na panela elétrica, que ela tem japonesa. Fica aquele arroz grudentinho, sabe, sem tempero, sem nada (E3)

Arroz principalmente na panela elétrica, então sem tempero, sem sal, sem nada. Assim, Mercado Municipal, a gente volta e meia vai lá e come. Traz verdura japonesa, traz tsukemono, aquela conserva de verdura. É bem saudável. Traz doce japonês. (...) às vezes a gente vai à praia e faz sukiyaki. Vai num jantar de família, daí tem sushi, sashimi (E10).

Como toda cultura está aberta à dinâmica que se articula nas relações sociais vividas pelas pessoas inseridas em diversos contextos, a presença de outros hábitos alimentares também é uma constante em algumas famílias.

Mais comida brasileira. Só o arroz, a maior parte do dia é japonês (E12).

Alguns rituais trazidos pelos imigrantes ao Brasil permanecem nas famílias desses descendentes, com grande probabilidade de não continuar tão longamente, visto eles saberem da existência, conhecerem e compreenderem os fundamentos, mas não o utilizarem como seus pais e avós. Um exemplo é o *butsudan*, pequeno altar japonês, feito de madeira, que fica na casa do parente mais velho, do sexo masculino. Nesse altar se fazem os cultos aos antepassados, oferecendo alimento, água, flores e acendendo incenso.

Butsudan, que são aquelas casinhas, geralmente de madeira, onde ficam as fotos dos falecidos. (...) Na casa da minha mãe tem essa casinha. Geralmente, quando os pais falecem, essa casa é transferida para o filho mais velho e ele que passa a cuidar (E4).

A continuidade das filosofias e seitas religiosas, como a *seicho-no-ie* e o *tenrikyo* só tem como adeptos

avós e pais de alguns dos informantes. Mas as tradições das festas de final de ano são acompanhadas por todos com muita euforia, pois é o momento de confraternização da família. Com famílias extensas, essas comemorações, entre aniversários e festas, são realizadas em clubes ou em fazendas. Para alguns, ainda preservam o hábito de realizar a festa cada ano na casa de um parente, começando sempre do mais velho.

Porque tem um clube em Paraguaçu, que sempre tem reunião ou festa de aniversário, geralmente aparece alguma coisa. Faz aquele, como é que é, motiorê, que cada um leva. Cada um leva uma coisa, junta e a gente almoça, uma reunião qualquer (E11).

Esses foram alguns elementos que se pôde ressaltar na brevidade do espaço, para demonstrar a participação ativa na dinâmica cultural desses descendentes de imigrantes japoneses.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, L. (1999). *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: FGV.
- BARTH, F. (2000). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BENEDICT, R. (1997). *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva.
- BERGER, P. I.; LUCKMANN, T. (1996). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 13. ed.
- BETTELHEIM, B. (1988). *Uma vida para seu filho*. Rio de Janeiro: Campus.
- BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: JACQUES, M. G. C. et al. (1998). *Psicologia social contemporânea*. São Paulo: Vozes, p. 58-71.
- CARDOSO, R. C. L. (1973). O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: SAITO, H.; MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 317-345.
- _____. (1972). O agricultor e o profissional liberal entre os japoneses no Brasil. In: SCHADEN, E. *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Petrópolis, Vozes, p. 363-373.
- CARVALHO, M. G. de. (1992). *As vicissitudes da família na sociedade moderna: um estudo sobre o casamento e relações familiares* (tese de doutorado), USP.
- _____. (1997). *Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica*. Revista Educação e Tecnologia, Curitiba, ano 1, p 70-87, semestral, abr., CEFET-PR.
- _____. (1998). *Tecnologia e sociedade*. Revista Tecnologia e Interação. Curitiba: CEFET-PR, p. 89-102, dezembro. (Coletânea “Educação e Tecnologia”)
- CUCHE, D. (1999). *As noções de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- FERREIRA, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3. ed.
- GARDNER, H. (1994). *A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GOIS, A. (2001). *Provão revela barreira racial no ensino*. Folha de São Paulo, 14 jan. Folha Cotidiano.
- HANDA, T. (1987). *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz-Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

- HENDRY, J. (1995). *Understanding japanese society*. 2. ed. London and New York: Routledge.
- HIRATA, H. (1988). *Formação na empresa, educação escolar e socialização familiar: uma comparação França-Brasil-Japão*. Revista Educação e Sociedade, São Paulo, número 31, ano X, p. 29-47, dezembro.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (1996). *Censo Demográfico 1991: Migração-Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, nº 22.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (1996). *Censo Demográfico 1991: Migração-Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, nº 22.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (1999). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2002). *Tabulação avançada do Censo Demográfico 2000: resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). (1978). *1908-1978. 70 anos da imigração japonesa para o meio rural brasileiro*. Ministério da Agricultura. Jun.
- LEÃO, V. C. (1990). *A crise da Imigração japonesa no Brasil (1930-1934): contornos diplomáticos*. Brasília: IPRI.
- LÉVI-STRAUSS, C. et al. (1970). *Raça e ciência*. São Paulo: Perspectiva.
- MAEYAMA, T. (1973). Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: SAITO, H. e MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes. p. 240-272.
- MAKABE, S. (1980). Debates. Parte II. In: SAITO, H. *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- MIYAO, S. (1980). Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO, H. *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz. p. 91-100.
- MORAES, F. (2000). *Corações sujos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MORIN, E. (1991). *O método IV – as idéias: sua natureza, vida, habitat e a organização*. Portugal: Publicações Europa-América.
- NOGUEIRA, A. R. (1983). *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. São Paulo: Massao Ohno.
- NISHIYAMA, A. (2001). *Geração nikkei: uma realidade nipo-brasileira*. Curitiba: A. Nishiyama.
- SAITO, H. (org.). (1980). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz.

- SAITO, H. (1973). Comunidade rural. In: SAITO, H. e MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 203-223.
- SAKURAI, C. (2000). Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: FAUSTO, B. (org.) *Fazer a América*. EDUSP: São Paulo, p. 201-238.
- SCHWARTZMAN, S. et al. (1993). A educação no Brasil em uma perspectiva de transformação. In: *Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior* (NUPES) da Universidade de São Paulo, jun.
- SETO, C.; UYEDA, M. H. (2002). *Ayumi: caminhos percorridos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- SEYFERTH, G. (1982). *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.
- SHIZUNO, E. C. (2001). *Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS na década de 40*. Curitiba. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- STANIFORD, P. (1973). O background, a estratégia e a personalidade do imigrante japonês no além-mar. In: SAITO, H. e MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p.32-55.
- STANTON A. (1997). Glantz. *Primer of biostatistics - Version 4.0 - McGraw Hill - Fourth Edition - New York*. (Manual com 473 pág.)
- THOMPSON, J. B. (2000). *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- TRUZZI, O. (1992). *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré.
- TSUKAMOTO, T. (1973). *Sociologia do imigrante – algumas considerações sobre o processo migratório*. In: SAITO, H. e MAEYAMA, T. *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p.13-31.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. COMISSÃO CENTRAL DO CONCURSO VESTIBULAR. (2002). Disponível em <http://www.cccv.ufpr/cursos/graduacao> Acesso em 26 fev.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. (2001). *Guia do candidato: processo seletivo*. Curitiba: Comissão Central do Concurso Vestibular.
- VIEIRA, F. I. S. (1973). *O japonês na frente de expansão paulista*. São Paulo: Pioneira.
- WATANABE, H. Debates. Parte II. In: SAITO, H. (1980). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- WHITE, M. (1988). *Desafio educacional japonês: compromisso com a infância*. São Paulo: Brasiliense.